

1) Qual a forma de atuação do GT Psicologia na Mídia?

O Grupo de Trabalho em questão atua de forma articulada com diferentes atores da sociedade, como forma de viabilizar uma discussão e atuação mais ampliada no que se refere à maneira como os meios de comunicação vêm tratando as diferentes camadas da sociedade e diferentes temas envolvendo a população.

A partir de reuniões, que podem ser quinzenais ou mensais, o grupo discute ações políticas que podem ser desenvolvidas com o intuito de provocar mudanças no cenário das comunicações no país. As ações ocorridas até então foram: panfletagens, com materiais produzidos pelo Conselho Federal de Psicologia referente ao panorama atual das telecomunicações no Brasil; participação nas duas conferências estaduais de Comunicação; participação na 1ª Conferência Nacional de Comunicação.

A nossa atuação é local, porém sempre articulada com os diferentes conselhos de psicologia, incluindo o Conselho Federal desta referida categoria profissional. Tal articulação nos proporciona a produção de um pensamento/atuação que vão além da ação de um indivíduo ou um grupo em especial. Ela reflete o nosso posicionamento enquanto uma categoria que produz conhecimento e que vem se colocando em diferentes espaços. Para isso nos utilizamos de diferentes materiais que vem sendo produzidos pelas (os) nossas (os) colegas psicólogas (os), como forma de discutir, embasar e produzir uma ação sempre coletiva.

Nesse tempo de atuação (desde 2008) já realizamos palestras, seminários, oficinas e estamos sempre que possível nos reunindo com diferentes representantes que atuam em prol da Democratização da Comunicação e em defesa dos Direitos Humanos, que são as nossas grandes bandeiras de luta.

2) Qual a finalidade do Grupo de Trabalho Psicologia e Mídia?

O Grupo de Trabalho Psicologia e Mídia foi criado com a finalidade de discutir e criar ações no sentido de problematizar os aspectos relacionados ao papel formador conferido à Mídia e aos aparatos da Comunicação, bem como colocar a disposição um entendimento político no sentido de perceber o que é possível ser feito, quando se propõe a pensar esta condição no nosso contexto atual. Em especial nos debruçamos sobre o panorama da Comunicação e da Violação dos Direitos Humanos no nosso país.

3) A violência na TV pode influenciar as pessoas a cometerem crimes?

A questão não é tão linear quanto à pergunta, ou seja, "a TV" por si só não tem a condição de determinar, de forma isolada, o comportamento das pessoas. O que ocorre é que, num país como o nosso, onde os meios formativos dos quais dispomos, como escolas públicas e espaços culturais estão cada vez mais escassos ou mesmo sendo colocados em descrédito pela sociedade de um modo geral. Esta realidade se estabelece em decorrência de uma política neoliberal, onde se fundamenta a lógica de funcionamento capitalista. Ou seja, é considerado bom aquilo que está associado a um valor financeiro direto.

Considerando que as escolas públicas vêm caindo em descrédito, os espaços culturais estão sendo pouco divulgados, terminamos por nutrir um cotidiano cada vez menos público e mais privado a TV. Desde o seu surgimento, nos anos 50, esta máquina de transmissão de som e imagens passa a ganhar um grande destaque e a ela é atribuído o papel de **"formadora de opinião"**.

É nessa "opinião" que entra a questão mais problemática no que se refere a essa mídia no nosso país, ela forma "opinião", no singular, pois o que expõe é sempre o

mais do mesmo, são sempre as mesmas notícias, e isso não é por acaso. As informações veiculadas são compradas, como qualquer outra mercadoria, e por tanto as notícias são veiculadas de acordo com o valor de mercado, não por acaso mudamos o canal e vemos os mesmos noticiários sendo publicadas num formato jornalístico muito similar ao utilizado pelos Estados Unidos (não adentraremos muito nessa questão, mas, vocês podem ter maiores informações no que se refere ao formato do jornal que assistimos por meio do livro "O poder da TV", de José Arbex).

Então a TV, que poderia sim, ter um caráter mais formativo acaba por assolar a população com as mais diferentes formas de violência, crimes, notícias sensacionalistas, mexendo com um dos sentimentos mais inerentes do ser humano, a violência. Não é de hoje que nós, seres humanos, ficamos hipnotizados diante das mais vis e diferentes formas de violência que são transmitidas na televisão.

O que movimenta o mercado televisivo é a audiência, são os tão mencionados, e pouco problematizados, pontos do Ibope. Esse é um dos primeiros pontos para sairmos da discussão simplista e rasa no que se refere a "condenação" da TV de forma isolada.

Para avançarmos na discussão é interessante problematizar o que subjaz o fato de só termos esse tipo de notícia sendo veiculada e o porquê consumirmos tanto esse produto.

Não há como pensarmos nessa relação "violência-mídia" sem pensarmos no contexto histórico do qual fazemos parte. A própria pergunta, feita de forma tão linear, como se possível fosse apenas um aspecto se responsabilizar por algo tão complexo como a violência, já reflete em parte um pouco da nossa falha formativa, que está sempre em busca de uma resposta rápida para questões que demandam esforços muito maiores.

Agora, não há como não considerar que o fato de estarmos a todo o tempo sendo sobrecarregados de notícias que envolvem violência, falta de altruísmo, barbáries das mais diversas, no coloca em contato de forma excessiva com as diferentes capacidades humanas de maltratar o outro. Com isso vamos banalizando os fatos, como se ser violento fosse a única forma que temos para vivermos em sociedade. O próprio "mata - mata" típico do capitalismo, onde quem ajuda ao outro é considerado "besta" já reforça essa lógica.

Por tanto, quando chegamos ao ponto crucial da pergunta, referente à violência, temos a tendência de colocar a TV como a grande vilã da história e sendo assim perdemos a parte mais substancial da problemática, que é a de buscar a "condenação" de quem é possível ser condenado legalmente. Ou seja, este olhar linear nos tira a possibilidade de buscarmos a avaliação crítica de quem são os verdadeiros responsáveis pela veiculação das propagandas e programas que ferem a Declaração dos Direitos Humanos, e que mantém a sua lógica de violentar pessoas todos os dias, reforçando preconceitos dos mais diversos e concedendo o "direito" de repetir a cada dia piadas machistas e homofóbicas, como quem recita poesias.

É importante lembrar que a televisão é uma mera transmissora de som e imagem. Ou seja, devemos lançar o nosso olhar para quem realmente detém o poder da vinculação, para a partir daí juntarmos forças para a luta em prol de uma verdadeira Democratização da Comunicação.

É nesse aspecto que esse tipo de mídia acaba por estagnar em muitos momentos a nossa condição, pois está sempre retratando a sociedade de uma mesma forma, buscando a manutenção de um *status quo* recheado de preconceitos e opressões. Podemos observar claramente isso quando vemos as propagandas onde se mantém a posição submissa da mulher, dos negros e das minorias. Além disso, podemos perceber como a TV influencia fortemente na constituição de um modelo de

sociedade embasada nestas perversas formas de submissão e opressão (A mulher das telenovelas, por exemplo, sempre tem o mesmo final: casadas e com filhos. Esta construção da imagem da mulher na sociedade é amplamente divulgada, colocando as mulheres que não se enquadram nesta formatação de desejo como desajustadas).

Cabe a nós ao avançarmos na discussão de quem é "mocinho e quem é vilão", dilema típico de uma novela, nos direcionarmos em busca de nos desatar das amarras políticas e sociais que nos mantém presos a esse perverso processo histórico.